

ALFAGUARA

Alana S. Portero
Maus hábitos



Tradução de Helena Pirra

A María Cardona, que é Τύχη

*I'm falling
Depths endless
Worlds turn to smoke
One hundred years flicker
I kiss the snow
Is it cold in the water?
Is it cold in the water?
Is it cold in the water? (I'm swimming, I'm breathing,
evaporating)
Is it cold in the water? (I'm liquid, I'm floating into
the blue)*

SOPHIE XEON

*Recuerdo cuando vivir era un peligro pero nos
sentíamos vivas.
Recuerdo cuando hormonarse era un suicidio.
Recuerdo cuando las barras de labios y el semen
sabían a algodón de azúcar.
Recuerdo cuando éramos un fuego fora de control.
Recuerdo cuando fuimos felices. Recuerdo cuando
pudimos ser héroes.
Recuerdo cuando nos volvíamos corderos para ser
carne para el cazador.
Recuerdo cuando no me quería morir. Técnicamente
ya estoy muerta.*

ROBERTA MARRERO

ÍNDICE

O anjo caído	13
A bruxa do fundo da rua	17
Diz o meu nome	25
O Barba-Azul vive no rés do chão esquerdo	33
Flutuando sobre os escombros	43
Clarões brilhantes	45
As raparigas	49
Carinha de pedra	61
As mulheres só	67
O mesmo bosque	79
Jay	89
Para lá de San Blas	97
A família	107
<i>Per sempre</i>	119
Profecia autocumprida	127
Noturno	135
Não é nada	143
Marrano	149
Calipso	157

Eugenia	165
As Moiras	175
As asas da Chinchila	189
Um reencontro	195
*	207
A pele fria	211
Voltar	217
Um prato de cogumelos	223
A gata à chuva	229
Todas as mulheres	237

O ANJO CAÍDO

Vi cair como anjos mortais uma geração inteira de rapazes. Adolescentes com a pele acinzentada e falta de dentes, a cheirarem a amoníaco e a urina. Figuras esqueléticas como Cristos de Mantegna, que se espalhavam pela saída do metro de San Blas, na rua Amposta, e pelos relvados do parque El Paraíso. Cobertos de agulhas como São Sebastião. Sentados ou deitados no chão como calhasse. Quase sem se moverem, lentos e sincopados como bonecos partidos. Com o sorriso sublime dos crucificados. Indefesos, mas flutuando já em lugares onde nada os atinja. Vi-os despontar e tornarem-se cada vez mais lentos até chegarem à quietude final e se decomporem na lama que se acumulava no nosso bairro com nome de santo, mas abandonado por Deus.

A primeira vez que me apaixonei foi por um daqueles anjos. Atirou-se da janela da casa dos seus pais, que ficava por cima do nosso rés do chão de trinta e cinco metros quadrados, com uma seringa espetada no pé. O meu vizinho Efrén apareceu morto na rua, quase nu, diante da minha

porta. Eu ainda não tinha seis anos, usava uma pala num olho e gaguejava. Julgo que foram os queixumes da mãe que alertaram os moradores do bloco onde vivíamos, três andares sem átrio e com escada exterior. Chegámos antes da polícia, que levava sempre o seu tempo a cumprir serviço quando se tratava de San Blas. Para eles, para qualquer autoridade, era só mais um agarrado a morrer, filho de alguma operária derreada de tanto esfregar escadas a quem, provavelmente, o seu menino adorado já teria roubado várias coisas da casa para poder injetar cavalo.

O facto é que não me lembro de Efrén vivo. Só tenho a imagem que consegui resgatar por entre as pernas da minha mãe e da minha vizinha Lola, com o único olho de que dispunha, como se espreitasse por uma fechadura. As mães do meu bairro não abraçavam os filhos mortos como as virgens das *pietà* renascentistas. Faziam-no prostradas sobre os seus corpos, aos gritos, desguedelhadas, com os olhos inchados e a baba a escorrer. Cobrindo os seus meninos conforme podiam, protegendo-os como feras desesperadas, chamando por eles até perderem a voz no passeio, cravando-lhes as unhas na carne, morrendo também com eles.

Se alguma vez ouviram aqueles «ai, meu filho!», nunca mais se esquecem. Permanecem no arquivo sonoro da memória como dobres a finados que vos obrigam a sacudir a cabeça para os exorcizar.

Efrén era lindíssimo e o vazio assentava bem naqueles traços suaves de quem nunca chegou a ser homem. Uma *overdose* levou-o para o lado frio. Estava agarrado há pouco

tempo e a heroína quase não lhe moldara as feições, só a cor da pele adquirira a qualidade da cinza. Foi a primeira vez que desejei beijar alguém. O corpo dele ficou estendido diante de um jardim raquítico que havia à frente das nossas casas, mesmo debaixo de um dos arcos da entrada, meio coberto de flores quase secas e caules de hera que mal davam para tapar a estrutura tosca de arame gradeado. No entanto, a morte escolhera para Efrén uma moldura vegetal de uma certa beleza suja, *art nouveau*. Tinha entreaberta a boca de lábios carnudos, ainda por retrain, o cabelo revoltado e as pálpebras a meio caminho entre a vigília e o sono. Se aos cinco anos temos capacidade de nos apaixonar, a minha derramou-se toda sobre aquele pobre desgraçado. A minha vida interior desfraldou-se sobre aquele fotograma de dor e miséria, imaginando-me leve e translúcida sobre o corpo morto, beijando-o com a leveza das coisas que não existem, não para o acordar da sua letargia, não para ser correspondida, mas desejando com toda a minha alma beijar uma coisa tão bela e indefesa. Uma coisa que, parecia caída do céu e deixada como ex-voto na minha entrada. Uma coisa que, por entre o ruído e a fúria de mães com a baba a escorrer e de pais que tapavam a boca para conterem o pranto, senti que me pertencia.

A BRUXA DO FUNDO DA RUA

Baixíssima, Peruca era magra como um cabide e tão enrugada que quando se movia parecia estar a interromper um processo inexorável de mumificação. Sempre foi velha. Andava maquilhada como uma caricatura de velha maquilhada, com sombra azul, risco preto nos olhos, lábios vermelhos e uma base toda estalada, da cor da casca da batata inglesa. Cheirava a flores mortas abandonadas numa gaveta e estava sempre a murmurar em voz baixa uma fiada de palavras incompreensíveis, qual oração secreta com uma certa dose de veneno. Isto do veneno tinha a ver com a sua forma de olhar, enviesada e trocista. A seriedade dela não era daquelas que julgam, era antes a que precede a gargalhada, como se de cada vez que olhava para alguém lhe fosse revelado algum segredo vergonhoso sobre quem tinha à sua frente.

Vivia sozinha ao fundo da rua, que era uma fileira de blocos de três andares de tijolo vermelho, com escadas exteriores em cimento. Esta paisagem arquitetónica, que se repetia por todo o bairro, era interrompida de vez em quando

por um casarão deteriorado, cheio de vidros partidos, restos de papel de alumínio, seringas e materiais de construção sem préstimo. Se as pudéssemos ver de cima, estas falhas nas fileiras dos prédios davam à rua um aspeto de gengiva doente, como se dentes enormes tivessem sido arrancados aqui e ali, sem qualquer lógica, deixando no seu lugar apenas uma infeção incurável e um vazio grumoso. Além do parque e das próprias casas, aquelas lixeiras, aqueles nenhures, eram os recreios dos meninos do bairro, que também se deixavam morrer ali quando cresciam o suficiente para chutarem cavalo. Crescemos assim, várias gerações de filhos da classe operária, a imaginar mundos inteiros nos mesmos nenhures que podiam vir a ser o nosso leito de morte.

O jardim não chegava até à esquina de Peruca. A vista do seu apartamento de rés do chão, se ela alguma vez tivesse aberto a persiana verde de corda que entaipava dia e noite a sua janela, eram os caixotes de lixo.

Os nossos prédios faziam parte de um grande projeto franquista de construção de habitações, nos anos cinquenta, batizado como «O Grande San Blas», que antes se chamava Cerro de la Vaca, nome que às autoridades fascistas devia cheirar a suor e a merda. Os cobradores ao domicílio chamavam-lhe «o bairro sem mães», já que quem lhes abria a porta de casa eram crianças que não iam à escola; não ocorreu às luminárias do regime que as mais de trinta mil famílias que foram ali parar precisavam de escolas próximas para os filhos e demoraram anos a suprir essa necessidade, tal como a da água canalizada ou dos mercados onde se abastecerem, que foram aparecendo

com a lentidão e o desleixo das coisas que não interessam a quem é responsável por elas. Os operários sempre foram vistos pelo franquismo como bestas de carga a enfiar em estábulos na periferia. Esse abandono criou no bairro uma consciência de classe que, desde o fim dos anos setenta e durante toda a década de oitenta, as autoridades da Transição Democrática decidiram debelar, à força de chutos de heroína quase de borla. A droga foi a derradeira forma de execução sumária de dissidentes de um regime que descobrira como se perpetuar.

Sobre Peruca diziam-se quatro coisas no bairro: que tinha sido contrabandista nas grutas do morro, que era uma bruxa muito competente, que a feitiçaria a deixara careca e que era melhor evitá-la ou tratá-la com muita amabilidade, caso não houvesse outro remédio senão partilhar com ela um patamar ou uma fila na frutaria. Era difícil não olhar para o postiço sintético, encaracoladíssimo e mal amanhado, que lhe cobria a cabeça. Mas era essencial não o fazer ou não lhe prestar atenção. Além de lhe dar a alcunha, a peruca era o gatilho dos seus maus fígados e não convinha provocá-la.

Cruzar-me com ela e respirar profundamente o seu odor deixava-me louca; era como snifar traças. Ao invés de me amedrontar, o seu aspeto enternecia-me: o risco dos olhos, irregular e trémulo, e os lábios mal pintados recordavam-me as minhas maquilhagens clandestinas dessa época, feitas a toda a pressa na casa de banho da minha avó com a habilidade de uma criança de cinco anos não particularmente dotada para a pincelada perfeita.

Os meus primeiros passos como travesti foram os de uma transformista de um metro e vinte que imitava uma bruxa velha e trapeira a cheirar a tanatório.

O medo que ela inspirava era real. Os homens do bairro, bastante rudes, trabalhadores fabris, da construção, empregados de mesa, vendedores ambulantes, sucateiros ou fura-vidas em geral baixavam os olhos e davam-lhe as boas-tardes como meninos do pós-guerra a cumprimentar o pároco. Era cómico vê-los, camisas meio desabotoadas e cabeça descoberta, a caminho do bar depois de dias de trabalho escravo, cruzarem-se com ela e amedrontarem-se perante uma mulher de aparência tão frágil.

Quase ninguém se lembrava do seu nome, e a alcunha, embora toda a gente a conhecesse, não se dizia na sua presença, não só por ser cruel e mal-intencionada, mas sobretudo por medo da sua reação. Para se dirigir a ela, toda a gente se desenrascava com um «senhora».

Certo dia, duas mulheres que viviam na mesma rua de Peruca, criadas no bairro, ambas grávidas, foram dar um passeio para acalmar os inchaços resultantes de uma gestação que decorria durante um verão particularmente quente. A uma delas, que desde criança tinha problemas circulatórios bastante visíveis nas pernas, fazia-lhe bem caminhar, ajudava-a a aliviar um pouco as manchas purpúreas que se lhe formavam nos tornozelos. Habitaram-se a passear juntas ao fim da tarde, partilhando as novidades e as rotinas da gravidez, os medos, as ilusões e uma ou outra bisbilhotice de última hora, que nunca faltava num bairro

onde toda a gente se conhecia e onde havia público com apreço pela má-língua.

A das pernas arroxeadas sonhava com um filho toureiro que lhe comprasse uma moradia, «como dizem na rádio que o Cordobés fez à mãe», costumava argumentar. A outra, um pouco mais nova, queria um filho muito bonito, «assim, loirinho e de olhos claros», dizia.

Assim que começaram o passeio, viram Peruca aproximar-se, vinda do fundo da rua, e, como ainda estava longe, apressaram-se a puxar o lustre à troça e à má-língua, rindo-se do aspeto da velha.

— Cala-te, que ainda me mijo — dizia a dos pés inchados sobre as barbaridades que deixava cair a mais nova, a quem não faltava imaginação para o enxovalho. Eram duas raparigas com vinte anos acabados de fazer, a exhibir toda a crueldade de que a juventude é capaz, que é muita. Os remorsos e a contenção chegam com a decrepitude, tal como o egoísmo, quando se habita o reverso da vida e se acha que quase tudo o que é feio acabará por nos alcançar.

Muito antes de se cruzarem com ela, conseguiram controlar o riso e calar as atrocidades. Quase a passarem ao seu lado, fizeram ambas menção de sorrir, submissas, em jeito de cumprimento e de simpatia para com uma vizinha de idade. Não chegaram a fazê-lo. Peruca parou diante delas, de maneira a que parecesse não haver mais espaço na rua do que aquele que o seu corpinho de arbusto morto ocupava. As raparigas tentaram dar as boas-tardes, mas as palavras ficaram-lhes na boca como um refluxo.

Provavelmente levaram uma mão inconsciente ao ventre. Do olhar presente e ausente da anciã, pressentia-se uma emanção que conseguiria apodrecer tudo pelo caminho, fossem flores, alegrias ou placentas. Devagar, Peruca levantou a mão esquerda e levou o polegar ao buraco mole e pastoso que tinha por boca, chupou-o com vontade, movendo-o, emitindo ruídos de sucção e saboreando-o sem deixar de olhar para as duas mulheres, para quem o tempo não passava; nelas, tudo era medo de baixa frequência, mas paralisante, e uma enorme incomodidade e impotência. Com o dedo bem besuntado de saliva, com calma, a velha levou-o até à face de uma das duas mulheres. Aquela que tinha levado mais longe a troça. Aquela que sonhava com um filho muito bonito, lindíssimo. Assim, loirinho e de olhos claros.

Ela não conseguiu esquivar o dedo, nem teve tempo de reagir. A velha desenhou uma linha reta de saliva da bochecha daquela cara jovem e arredondada pela gravidez quase até ao queixo, dizendo bem alto, com voz seca de lagarto: «MACACO.»

Mal cheguei a conhecer o menino Damián. Ele e a mãe quase não saíam de casa e, quando o faziam, ela levava-o totalmente tapado e com a capota do carrinho fechada. Dizia-se que não andava e que tinha uma doença de pele que tornava letal a exposição ao sol. Não falava. Morreu de enfarte aos seis anos, deitado no sofá de casa enquanto via televisão. Quando foram buscar o cadáver, a mãe pôs um lenço branco sobre a carinha peluda do filho, para que o deixassem em paz a caminho da morgue.

À minha mãe, os problemas circulatórios solucionaram-se com os anos, e em vez de um filho toureiro, pariu uma filha trans que nunca chegou a comprar-lhe uma moradia.

DIZ O MEU NOME

Descobre-se que se acabará sendo mulher através dos exemplos que estão mais perto, da sede de referências, da necessidade de se participar da herança que as mulheres deixam umas às outras e que é alheia aos homens.

Com Peruca, não valia a pena arriscar. Aquela mulher minúscula exsudava poder de cada uma das suas maltratadas costuras. Evidentemente, falei com ela assim que tive oportunidade. Não é que esperasse, ao conversar com Peruca, adquirir a capacidade de desgraçar nascimentos e outros poderes funestos. Ou sim. Mas percebia que alguma coisa que habitava os arredores da sua pele a fazia ser rejeitada e isso deixava-me muito triste. Imaginava-a a maquilhar-se todas as manhãs com a falta de jeito de quem já não possui um sistema nervoso completamente seu, alguém que já tem uma parte da sua anatomia e das suas capacidades controlada pela escuridão que virá. Mesmo assim não faltava ao seu encontro com a máscara, como eu não faltava todas as manhãs à construção da minha. A diferença é que a dela, a dada altura, deve ter sido de poder,

de beleza. Mesmo que agora estivesse em ruínas, com certeza continuaria ali a sombra do esplendor, caso tivéssemos sabido olhar. Mas nunca soubemos. A minha era uma máscara atrás da qual eu me escondia, uma máscara de vergonha e medo, uma máscara que não deveria ser necessária ou sequer conhecida nessa idade.

Por isso queria falar com ela, porque alguma herança, por pequena que fosse, tinha de receber da sua parte para continuar a construir a mulher que chegaria a ser.

Eu, menina esperta, maricas encoberta, gaga, gorducha, com uma pala a cobrir-me o olho esquerdo e uns óculos maiores do que o desejável, era o oposto da imagem de uma pequena endiabrada e não parecia albergar a crueldade inocente que se pressupõe terem as crianças. Quando os adultos olhavam para mim, achavam-me engraçada ou sentiam um pouco de pena, nada grave, limitava-me a recordar-lhes como eram atléticos e desenvoltos os seus filhos e isso tranquilizava-os; a minha presença, exceto para os verdadeiramente malvados, era apaziguadora. Dava-me conta disso e aprendi a usá-lo a meu favor. Conseguia pensar em termos cruéis. A consciência de que necessitamos de um armário para nos escondermos torna-nos espertíssimos no tocante ao jogo da verdade e da mentira, do que deixamos ou não ver.

Fingi encontrá-la por acaso, enquanto garatujava os degraus mais baixos da nossa escada com um caco de barro. Ela passava à frente da minha casa pelo menos quatro vezes por dia nos seus misteriosos passeios, carregando sacos de plástico bem cheios ninguém sabia de quê.

— Sei os nomes de todas as vizinhas da rua.

Disse-o na voz com que uma menina pequena imitaria uma menina ainda mais pequena, porque também se aprende a ser uma filha da puta mesquinha quando nos maquilhamos às escondidas, dançamos canções de Raffaella Carrà e de Bonnie Taylor no quarto e sabemos que, por tudo isso, nos espera uma vida complicada.

— Ai sim? — respondeu, engasgando-se com a aridez da sua própria garganta, tão pouco habituada a falar em voz alta, exceto para amaldiçoar.

— Sim. A senhora Lola, a senhora Paca, a senhora Luisa, a senhora Amparo, a senhora Mercedes, a senhora Pascuala...

Era assim que a ladainha soava na minha cabeça, mas o que acontecia na realidade é que me engasgava na primeira «senhora», os «s» são verrugas na língua das gagas.

— Fala como deve ser! — disse-me, já sem se engasgar.

Tinham-lhe bastado algumas palavras para aquecer aquele gasganete de esparto que tinha. Disse-o com dureza, mas sem crueldade. Como se desse uma ordem. E fez efeito. Cantei-lhe o alinhamento de senhoras da rua como uma ave-maria e estive tentada a continuar com o martirológio completo, se o soubesse, só para me ouvir a falar sem parar.

— Então e eu? Não vivo na mesma rua? — Mais do que indignada, parecia divertida.

Nesse momento, eu, inocentemente, fechava satisfeita a armadilha subtilíssima que lhe estendera. Com a linguagem corporal de uma corça ferida, uma dose de petulância

e um engodo muito fácil, tratava de averiguar o nome dela. Saber o nome de uma bruxa não é como descobrir o de um demónio, não as podemos controlar através dele, nem é possível invocá-las, mas podemos tuteá-las e é aconselhável ter por perto uma com quem se tenha alguma confiança e se possa chamar pelo nome. Convinha aproveitar a ocasião para ganhar a confiança de Peruca, dirigindo-me a ela com exatidão.

Esperava um nome misterioso, de velha romana ou de feiticeira de histórias, um Grimelda, um Morgana, um Salustia, não sei, uma palavra de três sílabas com fonemas dentais e guturais daqueles que rangem na boca.

— Chamo-me María.

Pelo menos tinha três sílabas.

— Eu chamo-me Aaaa... aaa...

As vogais abertas são válvulas fechadas na garganta das gags. Passara o efeito do ensalmo na minha fala.

— Eu sei como te chamas. Conheço a tua mãe desde pequena. E o teu pai, desde que vendia *buñuelos* no parque numa bandeja maior do que ele. E os teus avós. Nunca te disseram o meu nome?

Fez-me aquela pergunta com uma voz de clareza prístina, aqui não havia equívocos, estava a mover o seu bispo dialético para a mesmíssima casa do meu rei discursivo. Era ela quem me tinha montado a armadilha. Tinha de inventar alguma coisa depressa ou dar uma desculpa antes de fazer xixi em cima da vergonha.

Mas, fosse pelo que fosse, parece que naquela manhã ao levantar-me tinha escolhido a violência e surpreendi-me

dizendo uma verdade que nem os tipos mais tenebrosos do bairro se teriam atrevido a dizer em voz alta diante daquela mulher. Entre nós não devia haver mentiras, de modo que me limitei a dizê-lo:

— Peruca. Chamam-te sempre Peruca.

Se me ia cobrir as tripas de hera com um mau-olhado de ação imediata, preferia sucumbir demonstrando desenvoltura e personalidade.

Olhou-me a partir daquela quietude de tecido morto que a acompanhava. Simultaneamente presente e ausente. Como deveria olhar para a cabeça de um animal assassinado na parede de um caçador. Com o rancor e a paciência vítrea de quem espera pacientemente do outro lado do véu da vida e que, mesmo que neste plano se debilite, se torna mais forte no além e quase domina a sua existência espectral.

— Com que então Peruca... — disse a partir daquela lonjura.

Se aquele não foi o mais lento início de gargalhada da história, para mim tornou-se eterno. Foi como ver mudar o aspeto da casca de um pinheiro particularmente rugoso. Acabei a rir-me com ela. Contagiámo-nos uma à outra durante algum tempo e até houve quem parasse por instantes para nos ver. Uma criança não muito favorecida, que deixara há pouco de ser um bebé, e uma anciã grotesca a divertir-se com alguma coisa que só elas percebiam. Nesse momento, a senhora María não me parecia nem um bocadinho tenebrosa. Quando rimos com vontade não temos idade, fazemo-lo da mesma maneira durante toda a vida

e pode adivinhar-se na nossa expressão a menina que fomos ou a velha que seremos.

Nesse instante sem importância, muito poucas coisas nos separavam. Não me enganara ao escolhê-la como referência, embora aquilo ficasse por ali e não voltássemos a trocar uma palavra. Aprendi que é por temerem-nas que costumam cobrir com o manto do patético e da troça as mulheres que vivem à sua maneira, que envelhecem à sua maneira e que têm a vida marcada na cara de forma bem visível.

— Anda, vai para casa que se faz tarde. E diz aos teus pais que te tirem isso do olho.

— É que o tenho preguiçoso e entorta.

— É o olho esquerdo e esse nunca se engana. Se olha para um sítio diferente do outro, aproveita. Alguma coisa estará a pedir-te que vejas.

Pensei dizer-lhe que, na realidade, era uma ligeira malformação do nervo ótico que se corrigia com facilidade. Adorava a gíria médica e era bastante curiosa, de modo que tinha memorizado minuciosamente o que me acontecia no olho, para poder contá-lo assim que me dessem oportunidade. Como tudo. Decidi que não valia a pena sobrecarregar a senhora María depois de nos termos rido juntas. Para chegar a ser uma grande dama uma pessoa deve saber quando se retirar a tempo. No fim de contas, ela acabava de me perdoar a vida e teve a amabilidade de me encantar a língua para eu falar sem travas umas quantas frases. De modo que me limitei a dizer:

— A senhora cheira muito bem, senhora María.

— Também não abuses.

Soou como uma chicotada que deixou cair, voltando-me as costas e continuando a sua peregrinação até ao parque, como se aquele momento de cumplicidade não tivesse acontecido. Vi-a desaparecer imediatamente, ia depressa apesar de carregar os seus eternos e repletos sacos de plástico. Miolo de pão não levaria, não a imaginava a dar de comer aos pássaros, mais depressa a enterrar as suas carcaças estaladiças na base dos choupos da avenida de Arcentales ou dos pinheiros do parque El Paraíso.

**Um desafio a corações empedernidos:
assim é *Maus hábitos*, a história lírica e feroz
de uma menina presa num corpo de rapaz,
desbravando o caminho rumo à sua
identidade, à revelia de tudo e de si mesma.**

«Eu, menina esperta, maricas encoberta, gaga, gorducha, com uma pala a cobrir-me o olho esquerdo e uns óculos maiores do que o desejável, era o oposto da imagem de uma pequena endiabrada [...]. Quando os adultos olhavam para mim, achavam-me engraçada ou sentiam um pouco de pena, nada grave [...]. Dava-me conta disso e aprendi a usá-lo a meu favor. Conseguia pensar em termos cruéis. A consciência de que necessitamos de um armário para nos escondermos torna-nos esportíssimos.»

Este romance leva-nos numa travessia pelo território mais íntimo da natureza humana — uma travessia da qual não saímos incólumes. *Maus hábitos* é a história do encontro de uma pessoa consigo mesma, alguém que nasce no corpo errado, no lugar mais triste e sem futuro, num tempo desolado. Pela mão da protagonista, vamos até à sua infância em San Blas — um bairro operário suburbano e dizimado pela heroína nos anos oitenta —, passamos pela adolescência selvagem nas noites clandestinas de Madrid e chegamos ao raiar do milénio, quando a promessa de liberdade é soterrada por um episódio de insuportável violência. Contudo, das cicatrizes mais fundas há de emergir não a redenção, mas a esperança.



**«O grande feito deste romance é a sua delicada ternura, alcançado graças
ao tom que a autora escolhe conscientemente usar em toda a trama.»**

El Cultural

**PRÉMIO TIME OUT PARA MELHOR LIVRO DO ANO | Espanha
UM DOS DEZ MELHORES LIVROS DO ANO | *El País***



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
penguinlivros

ISBN 9789897872365



9 789897 872365 >